



O PRESIDENTE DA CÂMARA, Michel Temer, o vice Marco Maciel, o presidente Fernando Henrique Cardoso e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, sobem a rampa do Congresso Nacional para a cerimônia de posse

# 'Não serei gerente da crise'

FH toma posse para o segundo mandato prometendo combater as desigualdades sociais

Maria Lima e João Domingos

BRASÍLIA

A primeira posse de um presidente da República reeleito no Brasil foi uma cerimônia formal e sem emoção. Sem povo para acompanhar o cortejo na Esplanada e com menos de 200 presentes no plenário da Câmara, o presidente Fernando Henrique Cardoso lembrou aos poucos parlamentares que compareceram à cerimônia que foi escolhido numa eleição em que votaram 83 milhões de brasileiros para vencer desafios como o da desigualdade social e que, assim como não hesitou em tomar medidas necessárias para defender o real, não hesitará em fazer o que for preciso para acabar com o déficit público. Ele avisou aos deputados e senadores presentes que fará tudo para conseguir a aprovação das medidas do ajuste fiscal, mas rejeitou o título de gerente da crise nos próximos quatro anos.

— Não fui eleito para ser o gerente da crise. Fui escolhido pelo povo para superá-la e para cumprir minhas promessas de campanha. Para construir uma economia estável, moderna, aberta e competitiva. Para prosseguir com firmeza na privatização. Para apoiar os que produzem e geram empregos. E assim recolocar o país numa trajetória de um crescimento sustentado, sustentável e

*"Não fui eleito para ser o gerente da crise. Fui escolhido pelo povo para superá-la (...) Para prosseguir com firmeza na privatização. Para apoiar os que produzem e geram empregos"*

*"Não me intitulo senhor de um caminho único. Estou pronto a discutir e a retificar o rumo, sempre que me convençam (...) Alegro-me que o diálogo com a oposição já se tenha iniciado"*

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

com melhor distribuição de riquezas entre os brasileiros — disse ele.

O presidente alertou os líderes partidários para a necessidade de buscarem maior sintonia com a sociedade. Fernando Henrique disse que é preciso que os partidos se modifiquem para serem instituições da sociedade e não apenas instituições do Estado. Como fez no discurso de diplomação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), falou em entendimento e ressaltou a importância do início do diálogo com as oposições.

— Não me intitulo senhor de um caminho único. Estou pronto a discutir e a retificar o rumo, sempre que me convençam de que a alternativa é a melhor para o país. Alegro-me que o diálogo com a oposição já se tenha iniciado. Sei que temos divergências em vários campos. Mas sei também que há temas e ações que estão acima das diferenças partidárias — observou.

Após seu discurso, depois de ser oficialmente diplomado para o segundo mandato junto com o vice Marco Maciel, Fernando Henrique foi surpreendido por um inesperado pronunciamento do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-EA).

— Quem não tem coragem para enfrentar as adversidades não merece o dom da vida — disse Antônio Carlos ao presidente, frisando que o Congresso nunca lhe faltou nos momentos difíceis.

No discurso ao Congresso, Fernando Henrique reafirmou a intenção de fazer o que estiver ao seu alcance para aprovar as matérias do ajuste fiscal, com a mesma determinação com que adotou medidas duras para proteger o Plano Real diante das três crises econômicas internacionais.

— Não hesitarei em fazer o que for preciso para pôr fim ao tormento do déficit público. É melhor remédio amargo

que cura a doença, do que a febre crônica que debilita as forças e compromete a saúde do organismo. Não tenham dúvidas, senhores. Marcharei com determinação para obter do Congresso o ajuste fiscal e para livrarmos o Brasil da armadilha dos juros altos — disse.

O déficit público, segundo ele, é a maior vulnerabilidade do Governo no enfrentamento das crises financeiras dos últimos quatro anos. Outro dado preocupante, admitiu, é o desemprego, que deverá aumentar nesse início de ano. Para amenizar o problema, disse ter orientado os novos ministros que utilizem todos os recursos e programas para gerar novos postos de trabalho.

— Preocupa-me o desemprego. Como acontece no início de cada ano, a taxa de desemprego poderá elevar-se. Por ser passageiro, o quadro não é menos doloroso para quem perde o seu emprego — disse o presidente.

O objetivo central do segundo mandato, segundo o presidente, é radicalizar a democracia, democratizar o mercado, aumentar a competição e promover a mais ampla oportunidade para todos. Um dos primeiros passos será aprofundar a parceria com a sociedade para mudar o quadro da desigualdade social, já que ainda existe uma maioria silenciosa que não se faz ouvir.

Os dois momentos mais tocantes do discurso aconteceram quando o presidente citou carinhosamente o deputado Luís Eduardo Magalhães e ministro Sérgio Motta, mortos em abril.

— Homenageio todos os membros do Congresso, que tanto valoro, na pessoa de um de seus mais precoces e maiores líderes, o meu inesquecível amigo Luís Eduardo Magalhães, que ao nos deixar, no ano passado, nos legou o exemplo de sua competência e amor ao país — disse, emocionando Antônio Carlos Magalhães, e arrancando as poucas palmas do plenário.

Falando da vontade de construir um país mais justo, com estabilidade na economia e equidade social, o presidente encerrou o discurso lembrando o último pedido de Motta: "Não se apene. Cumpra o seu destino histórico. Coordene as transformações do país".

— Assim farei! — prometeu o presidente, sendo novamente aplaudido. ■